

# **ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS**

**Cap Inf MANOEL PAULINO DE MELO SOBRINHO**

## **PROPOSTA DE ATUALIZAÇÃO DO MANUAL DE COMPANHIA COMANDO DE BRIGADA DE INFANTARIA: REVISÃO DA MISSÃO, COMPOSIÇÃO E ATRIBUIÇÕES DO PELOTÃO DE SEGURANÇA VISANDO ADEQUAÇÃO PARA SUBUNIDADE DE COMANDO DE GRANDES COMANDOS OPERATIVOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais como requisito parcial para a obtenção do grau especialização em Ciências Militares com ênfase em Doutrina Militar Terrestre.

Orientador: Cap Inf IVSON BARBOSA  
**MARINHO**

**Rio de Janeiro**

**2022**

Ficha catalográfica elaborada pelo Bibliotecário Francisco José de Paula Junior  
CRB7/6686

S677

Sobrinho, Manoel Paulino de Melo.

Proposta de atualização do manual de Companhia de Comando de Brigada de Infantaria: revisão da missão, composição e atribuições do Pelotão de Segurança visando adequação para subunidade de comando de grandes comandos operativos / Manoel Paulino de Melo Sobrinho – 2022.  
50 f.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2022.  
Orientação: Cap. Ivson Barbosa Marinho

1. Pelotão de Segurança. 2. Companhia de Comando. 3. Grande Comando Operativo. I Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. II Título.

CDD: 355



**MINISTÉRIO DA DEFESA  
EXÉRCITO BRASILEIRO  
ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS  
(EsAO/1919)**

**DIVISÃO DE ENSINO E PESQUISA/ CURSO DE INFANTARIA**

Ao Cap Inf **MANOEL PAULINO DE MELO SOBRINHO**

O Presidente da Comissão de Avaliação do TCC, cujo título é PROPOSTA DE ATUALIZAÇÃO DO MANUAL DE COMPANHIA COMANDO DE BRIGADA DE INFANTARIA: REVISÃO DA MISSÃO, COMPOSIÇÃO E ATRIBUIÇÕES DO PELOTÃO DE SEGURANÇA VISANDO ADEQUAÇÃO PARA SUBUNIDADE DE COMANDO DE GRANDES COMANDOS OPERATIVOS, informa à Vossa Senhoria o seguinte resultado da deliberação: **APROVADO** com o conceito **BOM**.

Rio de Janeiro, 28 de outubro de 2022

**VINÍCIUS VALVERDE ANDRIES – Maj**  
Presidente

**IVSON BARBOSA MARINHO– Cap**  
1º membro

**RICARDO DE MORAES RAMOS LOBATO– Cap**  
2º membro

CIENTE:

**MANOEL PAULINO DE MELO SOBRINHO - Cap**  
Postulante

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por tudo que vem me proporcionando e sendo meu apoio em todos os momentos.

À minha querida esposa **SABRINA AMBROSIO OLIVEIRA MACEDO** que, além de me apoiar em tudo e cuidar do nosso filho, me dá tranquilidade para estudar e trabalhar.

Ao TC Inf QEMA **MARCUS VINICIUS FERREIRA DOS SANTOS** que ajudou com sua experiência e ensinamentos doutrinários, muita Selva.

E ao meu orientador Cap Inf **IVSON BARBOSA MARINHO** pela paciência e orientações necessárias nesse trabalho.

## RESUMO

O presente trabalho tem como principal objetivo apresentar uma proposta de atualização doutrinária referente ao Pelotão de Segurança (Pel Seg) de uma Companhia de Comando (Cia C) de Grandes Comandos Operativos. Atualmente não existe um manual específico para essa Companhia, e, mais especificamente, para o Pel Seg, que é uma fração orgânica de uma Companhia de Comando de Brigada de Infantaria (Cia C Bda Inf). Tendo em vista este lapso doutrinário faz-se necessário um paralelo com o manual de campanha que aborda a doutrina de emprego dessa tropa e que teve sua 1ª edição publicada no ano de 1981, o Manual de Campanha C 7-31 Companhia de Comando de Brigada de Infantaria. Para isso, este trabalho buscou analisar o Pelotão de Segurança da Companhia de Comando de Brigada de Infantaria, bem como verificar a necessidade de atualização do Capítulo 4, “Pelotão de Segurança”, em seu Artigo I, “Missão, Composição e Atribuições”, do C 7-31. Para atingir este objetivo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica de natureza aplicada, abordando o tema de forma qualitativa, com base em manuais do Exército Brasileiro, Americano e Argentino, além de artigos de revista de cunho científico, bem como de associações com o combate moderno à luz da DMT 2019. Como produto, buscou-se propor um capítulo sobre a Missão, Composição e Atribuições do Pel Seg de um possível Manual de Campanha de Companhia de Comando (Cia C) de Grandes Comandos Operativos, entregando ao final um anexo no formato normatizado para manuais do Exército Brasileiro no tema proposto.

Palavras-chave: Pelotão de Segurança, Companhia de Comando, Grande Comando Operativo, Doutrina e Manual.

## **ABSTRACT**

The following article presents a doctrine update proposal to the subject “Security Platoon” (Pel Seg), as part of a “HQ Company” (Cia C) of the Large Operational Commands. There is currently no specific manual about this subject, therefore there is no manual about the Pel Seg, which is a component part of an Infantry Brigades HQ Company. Due to this doctrine gap, a parallel to the previous field manual was needed, although it dates back to its first edition that came out in 1981, the C 7-31 Infantry Brigades HQ Company Field Manual. Intending to do so, this article analyzed the previous quoted Pel Seg and also studied the need of an update of the Fourth Chapter, “Security Platoon”, First Article, “Missions, Composition and Attributions”, of the C 7-31. In order to achieve its goal it was conducted a bibliographic research of an applied nature, approaching the topic in a qualitative way, based on the Brazilian Army, as such as US and Argentinian Army manuals, and also scientific resources articles, as well as associations with modern combat in light of Land Military Doctrine (DMT 2019). As the final product, we suggest a new Chapter about “Missions, Composition e Attributions” of the Pel Seg and also a possible Large Operational Commands HQ Company Field Manual, posting at the end a sample annex based on the Brazilian Army Field Manuals about this Subject.

Key Words: Security Platoon, HQ Company, Large Operational Commands, Doctrine and Manual.

## Sumário

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	7
1.1 PROBLEMA.....	8
1.2 OBJETIVOS.....	9
1.3 QUESTÕES DE ESTUDO .....	10
1.4 JUSTIFICATIVA.....	10
<b>2. REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	11
2.1 A MISSÃO, COMPOSIÇÃO E ATRIBUIÇÃO DO PEL SEG .....	12
2.2 A DMT 2019.....	25
2.3 O PBC .....	29
2.5 PROPOTA DE ATUALIZAÇÃO DOUTRINÁRIA DO PEL SEG .....	33
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	42
3.1 OBJETO FORMAL DE ESTUDO .....	42
3.2 AMOSTRA.....	42
3.3 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	42
3.3 PROCEDIMENTOS PARA REVISÃO DA LITERATURA .....	43
3.5 INSTRUMENTOS .....	43
3.6 ANÁLISE DOS DADOS .....	43
<b>4. ANÁLISE E RESULTADOS</b> .....	44
<b>5. CONCLUSÃO</b> .....	45
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	46
<b>ANEXO A</b> .....	<b>48</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O Exército brasileiro é dividido em diversas Organizações Militares (OM). Algumas delas são as Brigadas de Infantaria, que, de modo geral, são comandadas por um General de Brigada (Gen Bda) e seu Estado Maior (EM). Toda Brigada de Infantaria (Bda Inf) tem uma Companhia de Comando de Brigada de Infantaria (Cia C Bda Inf) e toda Divisão de Exército (DE) tem uma Cia C DE, comandada por um Capitão. A missão principal da Cia C Bda Inf é apoiar em pessoal e material o comando da Bda ou da DE (General e o EM) e como principal objetivo de prover segurança.

O foco desta pesquisa é entender a missão, composição e atribuições do Pelotão de Segurança (Pel Seg) que tem como missão principal, de acordo com o Manual C 7-31 de 1981, a responsabilidade pela segurança aproximada do PC da Brigada, bem como do Grupo de Comando, quando este for constituído. No entanto, no que diz respeito à missão, composição e atribuições do Pel Seg, este manual encontra-se desfasado em comparação às doutrinas mais recentes. Assim, o atual trabalho visa alinhar-se com a Doutrina Militar Terrestre (DMT) de 2019, que também aborda, dentre outros aspectos, o incremento de capacidades às frações, alinhada ao contexto atual das três dimensões do combate, da globalização e à evolução do tempo e da tecnologia (BRASIL, 2019).

A inexistência de uma literatura que apresente a Subunidade de Comando de Grandes Comandos Operativos, nos direciona a buscar temas correlatos para que possamos consolidar a proposta de um manual destinado a este fim. Para tal, traçaremos um paralelo com o Manual de Campanha C 7-31, Companhia de Comando de Brigada de Infantaria, 1ª edição, 1981, a fim de atualizá-lo e estabelecermos uma ligação funcional destas Organizações Militares. Sendo toda pesquisa baseada e amparada pelo Plano de Desenvolvimento da Doutrina Militar Terrestre 2022 (PDDMT 2022- EB20-P-03.002) que tem a finalidade de “Orientar o planejamento e coordenar a execução das ações relativas à produção da Doutrina Militar Terrestre (DMT), permitindo a convergência de esforços entre os diversos órgãos envolvidos no processo” (BRASIL, 2022).



## 1.1 PROBLEMA

### 1.1.1 Antecedentes

Tendo em vista a desatualização do MC C 7-31 de 1981 e o que rege as novas doutrinas como a DMT 2019 e o PDDMT 2022, viu-se a necessidade de atualizar tal manual. Este trabalho irá focar apenas no Pel Seg, realizando um paralelo com a Cia C Bda Inf, do C 7-31. A doutrina, no tocante à missão, composição e atribuições do Pel Seg da Cia C Bda Inf, apresenta algumas lacunas e se mostra desatualizada em relação ao tempo (de 1981 a 2022) e não estando de acordo com a DMT 2019, que prega uma constante atualização em favor do tempo.

Diante disso, entende-se que as doutrinas que norteiam o Manual de Campanha C 7-31, principalmente no capítulo 4 deste manual, objeto de estudo deste trabalho, estão desatualizadas em face das mudanças ocorridas. Assim, faz-se necessário uma atualização doutrinária dos manuais do Exército brasileiro, sobretudo, do Manual de Campanha da Companhia de Comando de Brigada de Infantaria (C 7-31, 1981), com base na DMT, 2019 e no PDDMT 2022. O C 7-31 é o último documento oficial que aborda sobre a Cia C Bda Inf, tendo mais de 40 anos e que é o principal Manual que um capitão que for comandar uma Companhia de Comando irá se amparar a fim de nortear suas ações e doutrina. Também não tem nenhum manual que ampara uma Subunidade de Comando de Grandes Comandos Operativos o que levará nossa pesquisa a propor, em parte. A lacuna do conhecimento identificada é, além da questão temporal, sua atualização doutrinária.

### 1.2.1 Formulação do problema

Quanto à missão, composição e atribuições do Pel Seg da Cia C Bda Inf, quais são suas atualizações à luz da DMT 2019 e como seria sua adequação para Subunidade de Comando de Grandes Comandos Operativos?

## 1.2 OBJETIVOS

Como forma de ajudar a elucidar o problema proposto, foi definido o objetivo geral e oito objetivos específicos.

### 1.2.1 **Objetivo geral**

Analisar à luz da DMT 2019 quais são as atualizações doutrinárias do Pel Seg de uma Cia C no tocante à missão, composição e atribuições, propondo uma atualização do manual de Cia Cmdo Bda Inf, C 7-31, no que tange à missão, composição e atribuições do pelotão de segurança visando adequação para grandes comandos operativos.

### 1.2.2 **Objetivos específicos**

Com a finalidade de delimitar e alcançar o resultado esperado para o objetivo geral, levantou-se os objetivos específicos que ajudaram a condução desse trabalho, os quais são:

- a) Identificar a atual missão, composição e atribuição do Pelotão de Segurança da Companhia de Comando de Brigada de Infantaria;
- a) Entender sobre a Doutrina Militar Terrestre de 2019;
- b) Entender sobre o PDDMT 2022;
- c) Realizar um paralelo com os manuais de outros Países;
- d) Aplicar o Planejamento Baseado em Capacidades para o Pelotão de segurança;
- e) Formular uma proposta de atualização do Pelotão de Segurança de SU C de Grandes Comandos Operativos.

### 1.3 QUESTÕES DE ESTUDO

Para que os Objetivos específicos sejam alcançados e como forma de auxiliar na revisão bibliográfica, bem como nortear a solução do problema, foram elaboradas as seguintes questões de estudo:

- a) Qual é a atual missão, composição e atribuição do Pelotão de Segurança da Companhia Comando de Brigada de Infantaria?
- b) O que explica a DMT 2019?
- c) O que orienta o PDDMT 2022?
- d) O que o Exército dos EUA e o da Argentina se assemelha com o EB e suas principais diferenças?
- e) O que é o PBC e como aplicá-lo a doutrina do Pel Seg?
- f) Qual seria uma nova proposta de atualização da missão, composição e atribuições do Pel Seg para Subunidade de Comando de Grandes Comandos Operativos?

### 1.4 JUSTIFICATIVA

O tema deste trabalho é extremamente relevante pois aborda sobre um capítulo do MC C 7-31, que está desatualizado com a doutrina mais recente, DMT 2019, e ainda propõe uma adequação para a elaboração de outro manual voltado para Grandes Comandos Operativos. Este trabalho está sendo complementado por outros TCC que irão compor essa nova proposta, contribuindo assim para atualizações doutrinárias no âmbito do EB.

Sendo assim, esta pesquisa justifica-se também por contribuir no estudo das Ciências Militares pela necessidade de atualização doutrinária de um manual com mais de 40 anos de publicação (1981-2022) e cumprir o que prescreve, tanto o PEEEx quanto o PDDMT 2022. Sugere-se que tal

atualização tenha por base a DMT 2019, para que o Pel Seg melhor cumpra sua missão e atenda com melhores capacidades a uma Brigada de Infantaria, DE ou Grandes Comandos Operativos.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

No atual mundo globalizado e dinâmico, “os conflitos atuais tendem a ser limitados, não declarados, convencionais ou não, e de duração imprevisível. As ameaças são cada vez mais fluidas e difusas” (Brasil, 2019). Isso exige que os militares tenham a capacidade de serem empregados em situações de guerra e não-guerra. No entanto, apesar do crescimento do emprego das forças armadas em operações de não-guerra (de cooperação e coordenação com agências), o foco na defesa da Pátria não deve ser perdido. Neste contexto, faz-se necessária uma ampla divulgação das atualizações doutrinárias no âmbito das Forças Armadas (BRASIL, 2019).

Conforme consta na Diretriz do Comandante do Exército, 2021-2022, tendo em vista este “(...) mundo de mudanças constantes e cada vez mais imprevisíveis, é importante incentivar a busca de soluções inovadoras para os problemas (...)” (BRASIL, 2021, p.33), para que a Força melhor cumpra sua missão, é necessário que se mantenha constantemente aprimorada suas capacidades militares e sua doutrina sempre atualizada.

Visando atender a uma das atividades do 6º Objetivo Estratégico do Exército (OEE) que está no Plano Estratégico do Exército (PEEx) 2020-2023, o qual busca atualizar as publicações doutrinárias da Força Terrestre (F Ter), além de outros, faz-se necessária a revisão do Manual de Campanha da Companhia de Comando de Brigada de Infantaria (Cia C Bda Inf), C 7-31, de 1981, do Estado-Maior do Exército (EME).

Outra atividade também importante no 6º OEE é a de atualizar o Quadro de Organização (QO) das organizações militares operativas, visando uma ação estratégica em aperfeiçoar a doutrina singular e contribuir com o aperfeiçoamento da doutrina conjunta (PEEx 2020-2023).

A pesquisa terá como base o Manual de Fundamentos da Doutrina Militar Terrestre (DMT) de 2019, doutrina mais recente que deve ser levada em consideração para atualização do Manual C 7-31, mais especificamente, o Pelotão de Segurança da Cia C Bda Inf. Ater-se-á, principalmente, ao Planejamento Baseado em Capacidades (PBC), contido na DMT 2019, aplicado ao Pelotão de Segurança.

O PDDMT 2022, no seu anexo A, sobre atualizações dos manuais de campanha, dentre os manuais destinados à ESAO, tabela 2, Nr 20, a qual este trabalho está sendo destinado, que é a Subunidade de Comando de Grandes Comandos Operativos e que tem como base o MC Cia C Bda Inf (C 7-31).

Um Capitão do Exército Brasileiro que for designado para comandar uma Cia C DE ou de Bda, atualmente, tem como base a doutrina do C 7-31 de 1981 e, certamente, vai se deparar com algumas lacunas de conhecimento, em razão da defasagem temporal deste manual. Assim, como aspecto positivo, ressalta-se a importância de uma doutrina mais atualizada, alinhada ao contexto atual e aos documentos mais modernos que atendam aos objetivos estratégicos do Exército Brasileiro e que estejam alinhadas com a atual Doutrina Militar Terrestre de 2019. Como exemplo de embasamento doutrinário, atende a uma das atividades do 6º Objetivo Estratégico do Exército (OEE) que está no Plano Estratégico do Exército (PEEx), conforme já mencionado.

## 2.1 A MISSÃO, COMPOSIÇÃO E ATRIBUIÇÃO DO PEL SEG

Para melhor compreensão sobre a missão do Pelotão de Segurança, deve-se entender primeiramente a missão de uma Companhia de Comando de uma Brigada de Infantaria. Três manuais distintos apresentam o mesmo conceito. Conforme o Manual de Campanha C 7-31, (1981, p. 1) a “Companhia de Comando tem por missão apoiar, em pessoal e material, o comando da Brigada de Infantaria e prover sua segurança”.

Corroborando o mesmo conceito, no Manual de Campanha, Brigadas de Infantaria, C 7-30 (1984, p. 1-15), vimos que a Companhia de Comando “tem por missão apoiar, em pessoal e material, o comando da brigada e prover sua segurança”.

### 2.1.1 Companhia Comando de Brigada de Infantaria

Em manual mais recente, o EB70-MC-10.367, (2021,0p.2-8), Brigada de Infantaria Mecanizada, tem-se que a Companhia de Comando “tem como missão

apoiar, em pessoal e material, o comando da Bda, bem como prover a segurança das instalações de comando, de seu pessoal e material”.

Desse modo, além de contribuir com pessoal e material, a Cia C Bda Inf tem como principal finalidade prover a segurança do PC (Posto de Comando) da Brigada, que é um General-de-Brigada (Gen Bda) e seu Estado Maior (EM).

De acordo com o Manual de Campanha C 7-31 (1981, p. 1-8):

A companhia de comando da brigada tem seu emprego regulado em função do PC. Nas diversas fases da ofensiva e defensiva, o emprego da companhia será em proveito do PC. A execução da instrução deve ser feita visando o emprego dos elementos da companhia na instalação, operação e segurança do PC, nas diversas fases do combate (BRASIL, 1981, p.1-8).

Ressalta-se a importância da segurança do PC da Brigada, feita pela Companhia de Comando (Cia C), através do seu Pel Seg.

Subindo um escalão acima, temos a Cia C DE que no manual EB70-MC-10243, Manual de Campanha DIVISÃO DE EXÉRCITO, 2020, 3ª Ed, p. 4-2, que tem como missão “(...) prover o apoio administrativo ao Cmdo DE, capacitando-o para a condução das operações e para a integração dos demais meios operativos que constituirão a sua estrutura”. No organograma abaixo (Figura 1), veremos a composição de um DE e circulado em vermelho sua Cia C.

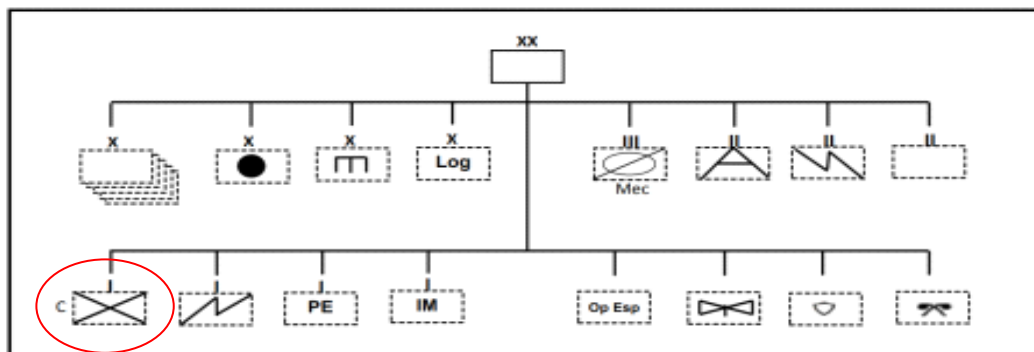


Fig 2-2 – Exemplo de organização de uma DE

FIGURA 1 - Organograma da Divisão de Exército (em vermelho, grifo nosso)  
Fonte: Brasil (2020, p. 2-3)

Conforme o C 7-31, para cumprir a sua missão, a Cia C (conforme Figura 2) se organiza da seguinte forma:

- Comandante (Um Capitão);
- Seção de comando;
- Pelotão de comando;
- Pelotão de administração;

- Pelotão de segurança;
- Pelotão de manutenção e transporte;
- Seção de ligação; e
- Pelotão de Polícia do Exército (atualmente fora dessa organização).

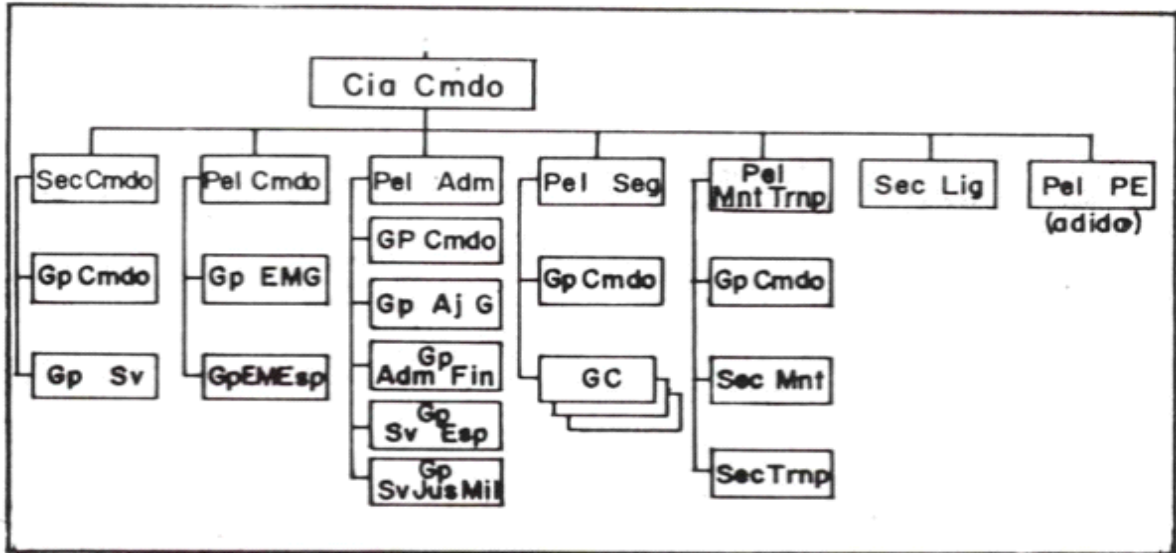


FIGURA 2 - Organograma da Companhia de Comando de Brigada de Infantaria  
Fonte: Brasil (1981, p. 1-2)

## 2.1.2 Pelotão de Segurança

### 2.1.2.1 Quanto a missão

O Pelotão de Segurança (Pel Seg), que é o foco desta pesquisa, tem por missão, conforme o C 7-31 (1981, p. 4-1), ser “responsável pela segurança aproximada do PC da brigada, bem como do grupo de comando, quando este for constituído”. Dessa forma, fica evidente a importância do emprego desse pelotão no contexto de uma operação, pois fará a segurança aproximada do Comandante da Brigada (Cmt Bda).

### 2.1.2.2 Quanto a composição/organização

Para o Pel Seg cumprir sua missão, possui a seguinte organização, composta de 34 militares, segundo o C 7-31 (1981, p. 4-1):

- Comandante (Um 1º Tenente);
- Um Grupo de comando (Turma de comando e a peça de canhão 106 SR);
- Três Grupos de Combate (GC).

A Turma de Comando tem 5 militares, sendo um 2º Sargento adjunto de comando do Pelotão, um Cabo cerra-fila, um Soldado radioperador e dois soldados mensageiros.

Os integrantes da peça de canhão 106 SR (sem recuo) são 4 militares, sendo o chefe da peça (um Cabo), um Soldado atirador, um Soldado municionador e um Soldado remunicionador.

Já o Grupo de Combate (GC), tem a seguinte constituição, composta de 8 militares cada: um 3º Sargento comandante, um Cabo auxiliar, dois soldados atiradores e cinco soldados esclarecedores.

#### 2.1.2.3 Quanto as suas atribuições

No quesito de atribuições, verifica-se no C 7-31 (1981, p. 4-1), “o comandante do pelotão de segurança é o principal responsável, perante o comandante da companhia, pela segurança do PC”.

Sobre a Turma de Comando, de acordo com C 7-31:

(...) A turma de comando do grupo de comando é encarregada de auxiliar o comandante do pelotão em suas atividades de comando e controle do pelotão. O 2º sargento adjunto é o principal auxiliar do comandante do pelotão e seu substituto eventual. O cabo cerra-fila é o encarregado do remuniciamento do pelotão. O rádio operador auxilia o comandante do pelotão nas atividades de radiocomunicações. Os mensageiros desempenham suas funções para facilitar o comando e controle do pelotão. O rádio operador e o mensageiro podem, também, desempenhar as funções de motoristas (BRASIL, 1981, p. 4-2).

Quanto à atribuição da peça de canhão 106 SR (Figura 3, características), o manual aborda apenas:

A peça de canhão 106 sem recuo é utilizada na defesa anticarro do PC e, quando necessário, do grupo de comando. O cabo chefe da peça é o responsável pelo correto e pronto emprego da peça em suas missões de defesa anticarro. O Soldado atirador executa a pontaria e tiro da peça para destruir carros inimigos. O Soldado municionador é o responsável em carregar e descarregar o canhão a cada tiro. O soldado remunicionador mantém a continuidade do tiro, fornecendo, prontamente, a munição para o municionador (BRASIL, 1981, p. 4-2).





FIGURA 3 – Canhão Sem Recuo (CSR) 106mm

Fonte: <https://www.armasnacionais.com/2019/09/m40a1-106-mm-canhao-sem-recuo.html>, acesso em 30 de agosto de 2022.

Atualmente, em relação a arma anticarro nos pelotões, o EB possui tanto o AT4 (Figuras 4), com suas características (Figuras 5 e 6) quanto o Carl Gustaf 84mm (Figuras 7 e 8) e suas características (Figuras 9 e 10).



FIGURA 4 – Lança-Rojão 84mm (AT-4)

Fonte: <https://pbrasil.wordpress.com/2010/09/08/sistemas-de-armas-suecos-no-brasil-at-4/>, acesso em 30 de agosto de 2022.

1-4/1-6	IP 23-34		
1-4. CARACTERÍSTICAS			
<p>a. É um armamento de peso reduzido e manejo simples, possuindo grande poder de letalidade e um alcance efetivo longo se comparado a outros armamentos de sua classe;</p> <p>b. Para identificação dos itens, o sistema de arma AT-4 apresenta faixas coloridas, próximas ao punho, obedecendo o seguinte código de cores :</p>			
<b>COR</b>	<b>INDICAÇÃO</b>	<b>ITEM</b>	
<b>AMARELA</b>	MUNIÇÃO COM ALTO-EXPLOSIVO	AT-4	
<b>AZUL</b>	MUNIÇÃO DE EXERCÍCIO	Sca1 AT-4	
<b>BRANCA</b>	MUNIÇÃO CARGA DE SOPRO	SIM AT-4	
1-5. TIPOS DE MUNIÇÕES E DADOS NUMÉRICOS			
<b>DADOS</b>	<b>HEAT AT4 alto explosiva anticarro</b>	<b>LMAW arma de assalto múltiplo</b>	<b>CS HP AT4</b>
<b>COMPRIMENTO</b>	APROX. 1m	APROX. 1m	APROX. 1m
<b>PESO</b>	6,7 kg	7,5 kg	7,6kg
<b>VELOCIDADE NA BOCA</b>	290 m/s	230 m/s	220 m/s
<b>ALCANCE EFETIVO</b>	300m	300 m - Veículos 500 m - Prédios	300m
<b>PENETRAÇÃO NA BLINDAGEM</b>	>400 mm	> 150mm	>500 mm
<b>DISTÂNCIA PARA ARMAR</b>	15- 40m	15- 40 m	10 - 20
<b>MODO IMPACTO/ RETARDO</b>	NÃO	SIM	NÃO

FIGURA 5 – Lança-Rojão 84mm (AT-4)

Fonte: IP 23-34, 1984, 1º Ed, p. 1-2

2-1. DADOS NUMÉRICOS	
a. Peso .....	6,7 kg
b. Calibre .....	84 mm
c. Comprimento .....	1 m
d. Peso da granada .....	1,8 Kg
e. Velocidade inicial .....	± 250 m/s
f. Alcance eficaz .....	300 m
g. Alcance máximo .....	2100 m
h. Penetração em blindagem .....	400 mm

FIGURA 6 – Lança-Rojão 84mm (AT-4), características  
 Fonte: IP 23-34, 1984, 1º Ed, p. 2-1



FIGURA 7 – Carl Gustaf 84mm

Fonte: <https://www.defesaaereanaval.com.br/defesa/carl-gustaf-m4-o-inovador-sistema-multifuncional-de-combate-para-forcas-terrestres-da-saab>, acesso em 30 de agosto de 2022.



FIGURA 8 – Carl Gustaf 84mm

Fonte: <https://www.defesaaereanaval.com.br/defesa/carl-gustaf-m4-o-inovador-sistema-multifuncional-de-combate-para-forcas-terrestres-da-saab>, acesso em 30 de agosto de 2022.



FIGURA 9 – Carl Gustaf 84mm

Fonte: <https://www.defesaaereanaval.com.br/defesa/carl-gustaf-m4-o-inovador-sistema-multifuncional-de-combate-para-forcas-terrestres-da-saab>, acesso em 30 de agosto de 2022.

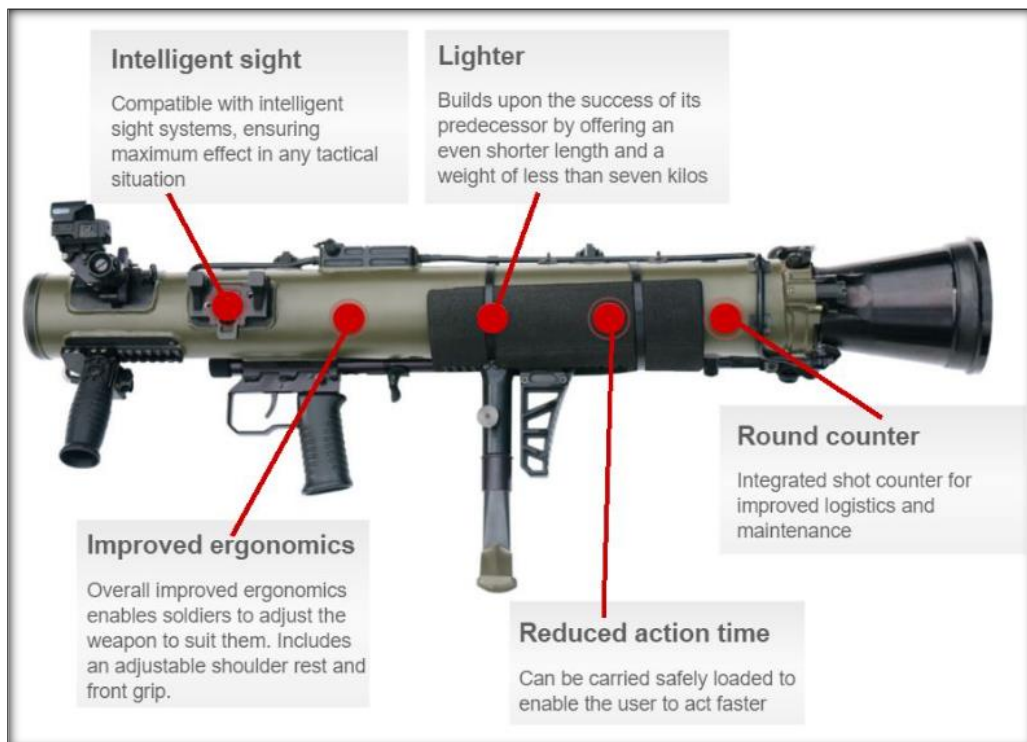


FIGURA 10 – Carl Gustaf 84mm

Fonte: <https://www.defesaaereanaval.com.br/defesa/carl-gustaf-m4-o-inovador-sistema-multifuncional-de-combate-para-forcas-terrestres-da-saab>, acesso em 30 de agosto de 2022.

A principal diferença entres estes armamentos (AT-4 e Carl Gustaf) é que o AT-4 é descartável e alcance de 300m, enquanto o Carl Gustaf M3 ele é um múltiplo propósito e de 700m de alcance. Portanto, o Carl Gustaf se torna uma arma AC mais eficiente.

Em 22 de agosto de 2022, foi realizado um teste com a mais nova aquisição AC do Exército Brasileiro, Mss 1.2 AC da SIATT (Figura 11 e 12), conforme aborda:

Engenheiros da brasileira SIATT (empresa que desenvolve mísseis da antiga Mectron), trabalhando em conjunto com especialistas do Exército Brasileiro, realizaram no último dia 22 de agosto uma campanha de tiro real (lançamento instrumentado) do Míssil Superfície-Superfície Anticarro MSS 1.2 AC. O tiro foi realizado no Centro de Avaliações do Exército (Campo de Provas da Marambaia, Guaratiba, RJ) (Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=ERrbMCRWd8E>, acesso em 30 de agosto de 2022).



FIGURA 11 – Míssil 1.2 AC

Fonte: <https://www.infodefensa.com/texto-diario/mostrar/3057497/siatt-supera-primeiro-lancamento-seu-missil-mss-12-ac>, acesso em 30 de agosto de 2022.

**O MSS 1.2 AC** é um sistema de armas superfície-superfície, anticarro, guiado a laser, com alcance de cerca de 3 km. O sistema de guiagem a laser permite direcionar o míssil mesmo após o seu lançamento, acompanhando a trajetória do alvo. A parte operacional compreende uma unidade de tiro e a munição. Amplamente versátil, o MSS 1.2 AC também pode ser aerolançável para emprego por tropas paraquedistas.



FIGURA 12 – Míssil 1.2 AC

Fonte: <https://www.infodefensa.com/texto-diario/mostrar/3140648/marinha-do-brasil-recebe-misseis-superficie-superficie-anticarro-mss-12-ac-mectron>, acesso em 30 de agosto de 2022.

Então as opções de armas AC são: o AT-4, Carl Gustaf e o Mss 1.2 AC. Como sugestão, seria o estudo para aprofundar o aumento dessa capacidade AC no Pel Seg adaptando para uma Subunidade de Comando de Grandes Comandos Operativos.

Segundo o manual C 7-31, sobre os GC do Pel Seg, tem-se que:

Os grupos de combate são os principais elementos que o comandante do pelotão dispõe para executar a defesa do PC. O 3º sargento comandante do grupo é o responsável, perante o comandante do pelotão, pelo comando, controle e pronto emprego do grupo. O cabo auxiliar é o substituto eventual do comandante do grupo. Os soldados atiradores utilizam seus fuzis metralhadoras em proveito do grupo. Os esclarecedores reconhecem, patrulham e guarnecem seus postos (BRASIL, 1981, p. 4-2).

Entende-se como a missão do Pelotão de Segurança realizar a segurança aproximada do Posto de Comando (PC) da Brigada, local onde fica o Cmt Bda, e seu EM constituído, para planejar as operações. Para isso, essa fração precisa ter capacidades táticas tanto de pessoal quanto de material para prover essa segurança.

### 2.1.1 No Exército Argentino

Fazendo-se um paralelo com o Exército Argentino, entenderemos a estrutura de sua Brigada (Figura 13) e encontramos a equivalência de uma Cia C Bda Inf chamada de “Subunidad Comando y Servicio del Comando de Brigada” (Figura 14), conforme o ROP-00-03 Conducción de la Brigada Mecanizada, de la República Argentina, 2016.

La constituirán un pelotón comando de compañía, una sección estado mayor, una sección de infantería mecanizada (un pelotón comando de sección, tres grupos de tiradores mecanizados y un grupo de defensa aérea), una sección policía militar (para movilizar) y una sección servicios<sup>1</sup> (ARGENTINA, 2016, p. II-3).

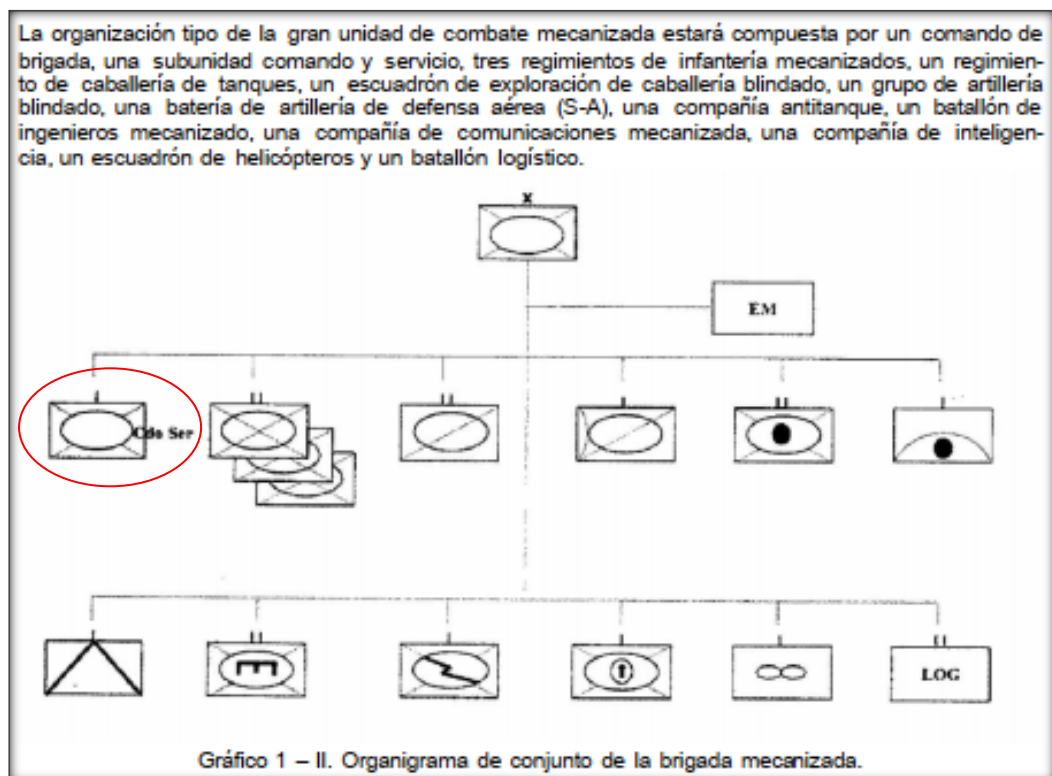


FIGURA 13 - Organograma da Brigada de Infantaria do Exército Argentino  
Fonte: (ARGENTINA, 2016, p. II-1, tradução nossa).

<sup>1</sup> Será composto por uma sessão de comando de companhia, um pelotão de estado-maior, um pelotão de infantaria mecanizada (uma sessão de comando de pelotão, três grupos de fuzileiros mecanizados e um grupo de defesa aérea), um pelotão de polícia militar (para mobilizar) e um pelotão de serviços (tradução nossa).

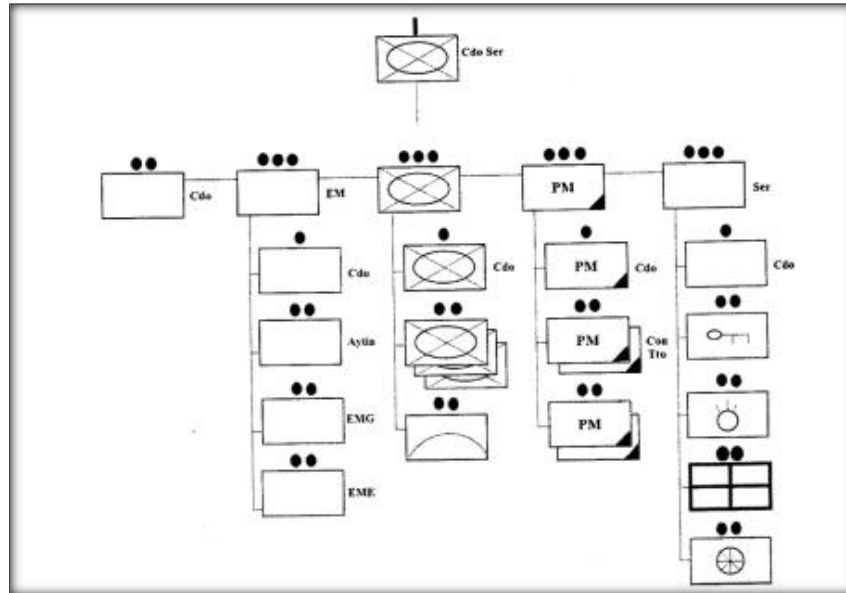


FIGURA 14 - Organograma da Companhia de Comando e Serviço do Comando da Brigada Mecanizada do Exército Argentino  
 Fonte: (ARGENTINA, 2016, p. II-4, tradução nossa).

Quanto a segurança do PC da Bda, encontramos no Manual do Exército Argentino:

Los elementos de la brigada se darán su propia seguridad durante las operaciones, se la proporcionarán a la gran unidad de combate, o bien está en su conjunto proporcionará seguridad a fuerzas mayores. La organización de las fuerzas de seguridad deberá tener en cuenta que las mismas se encuentren capacitadas para enfrentar las amenazas previstas, sin degradar de manera sustancial a la GUC en su conjunto<sup>2</sup> (ARGENTINA, 2016, p. VI-22).

Entendemos que quem realiza a segurança do PC da Bda é esse pelotão de infantaria mecanizada (sección de infantería mecanizada).

### 2.1.1 No Exército EUA

Fazendo-se um paralelo com o Exército Americano e procurando quem faz a segurança aproximada do PC da Bda ou de Grandes Comandos Operativos, encontramos a equivalência de uma Cia C Bda Inf chamada de “Headquarters and Headquarters Company”, cuja missão está descrita no Manual Americano “FM 7-21”,

<sup>2</sup> Os elementos da brigada fornecerão sua própria segurança durante as operações, a fornecerão à Grande Unidade de Combate (GUC), ou esta como um todo fornecerá segurança às forças maiores. A organização das forças de segurança deve ter em conta que a são capaz de lidar com as ameaças previstas, sem degradar substancialmente ao GUC como um todo (tradução nossa).



do Department of the Army Field Manual, “Headquarters and Headquarters Company Infantry Division Battle Group, 1960 (Figura 15):

The headquarters and headquarters company provides command, staff, administrative, supply and maintenance, communication, engineer, and medical support for the battle group. It may provide local security for the battle group command post<sup>3</sup> (EUA, 1960, p. 2).

Neste manual, deixa claro, conforme a última frase do texto acima, que essa Companhia poderá prover a segurança aproximada do PC do Comando. No mesmo manual, encontramos a Organização (“Organization”) desta Companhia (circulada em vermelho na Figura 16):

The company (TOE 7-12D) consists of a company headquarters section, battle group headquarters, a battle group headquarters section, a communication platoon, a supply and maintenance platoon, an engineer platoon, a medical platoon, and a personnel section<sup>4</sup> (EUA, 1960, p. 2).

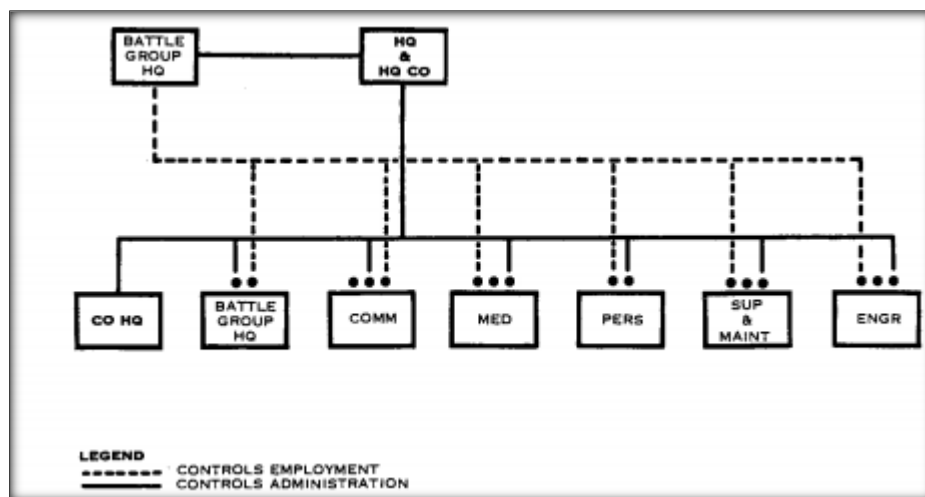


FIGURA 15 – Headquarters and Headquarters Company (HHC)<sup>5</sup>

Fonte: EUA (1960, p. 3)

<sup>3</sup> A Companhia de Comando prover comando, pessoal, administrativo, suprimentos e manutenção, comunicação, engenharia e suporte médico para o grupo de batalha. Pode fornecer segurança local para o posto de comando do grupo de batalha (tradução nossa).

<sup>4</sup> A Companhia (TOE 7-12D) consiste em uma seção de comando geral, grupo de comando de batalha, uma seção de comando do grupo de batalha, um pelotão de comunicação, um pelotão de suprimentos e manutenção, um pelotão de engenharia, um pelotão de saúde e uma seção de pessoal (tradução nossa).

<sup>5</sup> Companhia de Comando (tradução nossa).

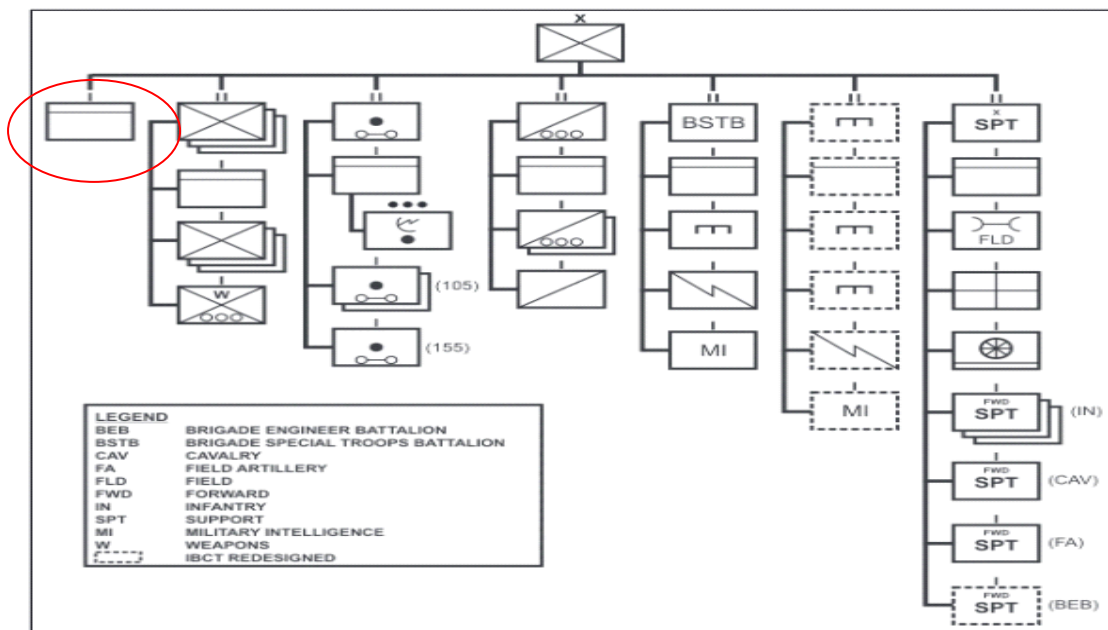


FIGURA 16 – Infantry Brigade Combate Team (IBCT)<sup>6</sup>  
 Fonte: EUA (2015, p. 1-3)

## 2.2 A DMT 2019

No início do Manual EB 20-MF-10.102, Manual de Fundamentos DOCTRINA MILITAR TERRESTRE, 2ª edição 2019, mais conhecido como DMT 2019, em suas considerações iniciais, ressalta que a DMT deve estar sempre atualizada tendo em vista os atuais conflitos, como resultado das mudanças da sociedade e da tecnologia.

Novas ameaças vêm surgindo e com elas novas formas de combatê-las, novas experimentações, tudo isso implicando nas mudanças que a sociedade vem experimentando. Uma globalização cada vez mais intensa e expansiva, dentro de um contexto geopolítico cada vez mais complexo e que vem alterando as relações de poder e as formas de política entre países. Tudo isso vem gerando instabilidades entre nações, com o acirramento dos conflitos e formações de blocos de países aliados e tensões de guerra eminentes.

Sobre o atual contexto global, a DMT 2019 entende que:

Novos tipos de ameaças ganharam importância, exigindo que os Estados estejam aptos para o combate ao terrorismo; a proteção da sociedade contra as armas de destruição em massa; a participação em missões de manutenção e/ou imposição da paz sob a égide de organismos internacionais; a ajuda à população em caso de catástrofes provocadas pela

<sup>6</sup> Brigada de Infantaria (tradução nossa).

natureza; e o controle de contingentes populacionais ou de recursos escassos (energia, água ou alimentos) (BRASIL, 2019, P.1-1).

Diante desse cenário geopolítico instável, os países estão cada vez mais estudando e aperfeiçoando novas doutrinas e táticas de guerra, exigindo das forças militares novas capacidades.

Tudo isso leva à necessidade de uma força com novas capacidades operativas, dotada de material com alta tecnologia agregada, sustentada por uma doutrina em constante evolução e integrada por recursos humanos altamente treinados e motivados. Sua organização deve possuir estruturas que permitam alcançar resultados decisivos, com prontidão operativa e com capacidade de emprego do poder militar de forma gradual e proporcional à ameaça (BRASIL, 2019, p.1-2).

Alguns conceitos, segundo a DMT 2019:

**Doutrina**, é “conjunto de princípios, conceitos, normas e procedimentos, disposto de forma integrada e harmônica, fundamentados principalmente na experiência, destinado a estabelecer linhas de pensamentos e a orientar ações” (BRASIL, 2019, p.3-3).

**Doutrina Militar** é o “conjunto harmônico de ideias e de entendimentos que define, ordena, distingue e qualifica as atividades de organização, preparo e emprego das Forças Armadas (FA)” (BRASIL, 2019, p.3-3).

**Doutrina Militar de Defesa (DMD)** “aborda as normas gerais da organização, do preparo e do emprego das FA, quando empenhadas em atividades relacionadas com a defesa do País” (BRASIL, 2019, p.3-3).

Sobre a **Doutrina Militar Terrestre (DMT)**:

Conjunto de valores, fundamentos, conceitos, concepções, táticas, técnicas, normas e procedimentos da F Ter estabelecido com a finalidade de orientar a Força no preparo de seus meios, considerando o modo de emprego mais provável, em operações singulares e conjuntas (BRASIL, 2019, p.3-3).

**Capacidade Militar Terrestre (CMT)**:

Constituída por um grupo de capacidades operativas com ligações funcionais, reunidas para que os seus desenvolvimentos potencializem as aptidões de uma força para cumprir determinada tarefa dentro de uma missão estabelecida (BRASIL, 2019, p.3-4).

**Capacidades Operativas (CO)** são:

Aptidões requeridas a uma força ou Organização Militar, para que se obtenha um efeito estratégico, operacional ou tático. São as capacidades que a F Ter deve possuir, sendo obtidas a partir do DOAMEPI (BRASIL, 2019, p. 3-4).

Sobre essas capacidades, a DMT conclui que:

Definidas as CMT, com base na análise de cenários e ameaças, missões e base legal, a F Ter trabalha no sentido de identificar as CO que não possui e de buscar soluções para obtê-las, de modo a se colocar em permanente condição de emprego. Em um ambiente operacional de demandas multifacetadas, que requer inúmeras especialidades, a F Ter busca o desenvolvimento de capacidades, **priorizando a geração de módulos sustentáveis com capacidades completas** (DOAMEPI), com todas as funcionalidades de combate, e de acordo com as demandas das áreas estratégicas e dos interesses nacionais (BRASIL, 2019, p. 3-4, grifo nosso).

Como estabelece a DMT 2019, o EB começa a adotar a geração de forças através do Planejamento Baseado em Capacidades (PBC), que tem o objetivo de identificar com mais clareza as reais ameaças ao Estado. Priorizando uma combinação de meios para exercer uma grande quantidade de tarefas, que tenham uma rápida resposta e com certo grau de recursos atuais de material e pessoal. Para se atingir essa capacidade, é necessário a união de sete fatores: Doutrina, Organização, Adestramento, Material, Educação, Pessoal e Infraestrutura; formando o **DOAMEPI**, sendo fatores determinantes das capacidades de uma fração, força ou uma Organização Militar (BRASIL, 2019, p. 3-3).

#### **Doutrina:**

Este fator é base para os demais, estando materializado nos produtos doutrinários. Por exemplo, a geração de capacidades de uma unidade inicia-se com a formulação de sua Base Doutrinária, que considera a gama de missões (traduzida das capacidades operativas), atividades e tarefas que essa unidade cumpre em operações (BRASIL, 2019, p.3-3).

#### **Organização:**

Expressa por intermédio da Estrutura Organizacional dos elementos de emprego da F Ter. Algumas capacidades são obtidas por processos, com vistas a evitar competências redundantes, quando essas já tenham sido contempladas em outras estruturas (BRASIL, 2019, p.3-3).

Já o **adestramento** “compreende as atividades de preparo, obedecendo a programas e ciclos específicos, incluindo a utilização de simulação em todas as suas modalidades: virtual, construtiva e viva” (BRASIL, 2019, p.3-3).

**Material:**

Compreende todos os materiais e sistemas para uso na F Ter, acompanhando a evolução de tecnologias de emprego militar e com base na prospecção tecnológica. É expresso pelo Quadro de Distribuição de Material dos elementos de emprego e inclui as necessidades decorrentes da permanência e sustentação das funcionalidades desses materiais e sistemas, durante todo o seu ciclo de vida (permanência no inventário da F Ter) (BRASIL, 2019, p.3-3).

**Educação:**

Compreende todas as atividades continuadas de capacitação e habilitação, formais e não formais, destinadas ao desenvolvimento EB20-MF-10.102 3-4 do integrante da Força Terrestre quanto à sua competência individual requerida. Essa competência deve ser entendida como a capacidade de mobilizar, ao mesmo tempo e de maneira inter-relacionada, conhecimentos, habilidades, atitudes, valores e experiências, para decidir e atuar em situações diversas (DMT, 2019, p.3-3).

**Pessoal:**

Abrange todas as atividades relacionadas aos integrantes da força, nas funcionalidades: plano de carreira, movimentação, dotação e preenchimento de cargos, serviço militar, higidez física, avaliação, valorização profissional e moral. É uma abordagem sistêmica voltada para a geração de capacidades, que considera todas as ações relacionadas com o planejamento, a organização, a direção, o controle e a coordenação das competências necessárias à dimensão humana da Força (BRASIL, 2019, p.3-4).

**Infraestrutura:**

Engloba todos os elementos estruturais (instalações físicas, equipamentos e serviços necessários) que dão suporte ao preparo e ao emprego dos elementos da F Ter, de acordo com a especificidade de cada um e o atendimento aos requisitos do exercício funcional (BRASIL, 2019, p.3-4).

“A Força Terrestre deve ser **dotada** de armamentos e de equipamentos com **alta tecnologia agregada**, sustentada por uma doutrina em constante evolução, integrada por recursos humanos treinados e motivados” (BRASIL, 2019, Pág 4-1, grifo nosso).

No Catálogo de Capacidades do Exército, 2015-2035, que possui o objetivo de descrever as CMT e CO do EB, contendo uma lista de capacidades de interesse da Força Terrestre, conforme texto abaixo:

Ao final dos trabalhos, foi apresentada uma lista de capacidades que subsidiou o Centro de Doutrina do Exército na consolidação do conceito de **planejamento baseado em capacidades** e na definição das capacidades militares terrestres e operativas, as quais vêm ao encontro do Livro Branco de Defesa/2013, Doutrina Militar de Defesa/2007 (em atualização), Estratégia Militar de Defesa/2006 (em atualização) e Doutrina Militar

Terrestre/2014, com vistas a se contrapor às ameaças dentro das áreas estratégicas, atuando no amplo espectro dos conflitos (BRASIL, 2015, p. 5, grifo nosso).

Diante do exposto, fica claro a necessidade de atualização do manual C 7-31, de 1981, buscando novas CO completas em módulos sustentáveis, ou seja, capaz de cumprir sua missão e ser, na medida do possível, autossuficiente. Para atingir essa capacidade, deve adotar o PBC através do DOAMEPI, com atenção para o que há de mais moderno no combate atual.

### 2.3 O PBC

O Planejamento Baseado em Capacidades começou efetivamente em 2020, através de um grupo de trabalho e toma como base alguns documentos oficiais como: Estratégia Nacional de Defesa (END), o Livro Branco de Defesa (LBD), a Política Nacional de Defesa (PND), a Doutrina Militar de Defesa (DMD), entre outros.

Tal planejamento, que na verdade é um método, tem em vista futuras ameaças, otimizar e economizar recursos para implantar novas capacidades à uma tropa através do DOAMEPI, como já abordado.

De acordo com o EB20-D-03-041, diretriz para a implantação e execução do Planejamento Baseado em Capacidades (PBC), publicada na Port. nº 081-EME, de 29 de abril de 2020, que justifica como:

A limitação de recursos impõe a necessidade contínua de bem planejar o gasto público, visando garantir a maior eficiência possível na execução das políticas públicas e na promoção de benefícios à sociedade. No âmbito da Defesa, essa dificuldade de fluxo contínuo de recursos, os elevados investimentos requeridos, o ambiente de elevadas incertezas, dentre outros fatores, levou à solução do PBC. Dessa forma, alinhado com a PND e a END e a necessidade premente de desenvolver capacidades completas, o Exército Brasileiro decidiu implantar e adotar a geração de forças por meio do PBC (BRASIL, 2020b).

Conforme consta no PEEEx 2020-2023, p. 22, no OEE 5 - Modernizar o Sistema Operacional Militar Terrestre (SISOMT) - Preparo e Emprego da Força Terrestre, cuja estratégia é o aumento da capacidade de pronta resposta da Força Terrestre. A ação estratégica é implantar a geração de forças por capacidades e sua atividade é contribuir com a inserção do Planejamento Baseado em Capacidades

(PBC), conforme orientação do Ministério da Defesa. A CMT abordada é a Superioridade no enfrentamento, que será explicada mais à frente.

De acordo com o Catálogo de Capacidades do Exército, percebemos que:

Alinhado com a Estratégia Nacional de Defesa e a Doutrina da maioria das Forças Armadas dos países ocidentais, **o Exército Brasileiro passa a adotar a geração de forças por meio do Planejamento Baseado em Capacidades** (PBC). Dessa forma, o desenvolvimento de capacidades baseia-se em uma permanente análise da conjuntura e em cenários prospectivos, com o objetivo de identificar tanto as ameaças concretas quanto as ameaças potenciais ao Estado Brasileiro. Em sintonia com as lições aprendidas nas guerras contemporâneas e as tendências dos conflitos do futuro, a F Ter desenvolve o seu preparo com base nessas capacidades requeridas, para manter-se permanentemente apta a atuar em conjunto com as demais forças ou de forma isolada, tendo como foco principal a sua destinação constitucional (BRASIL, 2015, p. 6, grifo nosso).

Quais são as capacidades requeridas?

A partir do nível político são determinadas quais capacidades são requeridas à F Ter (as Capacidades Militares Terrestres) e, posteriormente, são definidas quais **Capacidades Operativas** são necessárias às forças que serão empregadas – ou a cada Organização Militar – para que possam executar as atividades e tarefas que lhes cabem (BRASIL, 2019, p.3-3, grifo nosso).

Iremos identificar **algumas** CMT e CO julgadas importantes para o entendimento e embasamento deste trabalho, todas de acordo com o Catálogo de Capacidades do Exército, 2015-2035.

### 2.3.1 Pronta Resposta Estratégica (CMT 01):

Capaz de projetar força para atuar em operações no amplo espectro dos conflitos, em qualquer parte do território nacional, do entorno estratégico ou da área de interesse, em prazo oportuno, chegando pronto para cumprir a missão atribuída (BRASIL, 2015, p. 8)

#### 2.3.1.1 Prontidão (CO 03):

“Ser capaz de, no prazo adequado, estar em condições de empregar uma força no cumprimento de missões, valendo-se de seus próprios recursos orgânicos e meios adjudicados” (BRASIL, 2015, p. 9).

### **2.3.2 Superioridade no Enfrentamento (CMT 02):**

Ser capaz de garantir o cumprimento bem-sucedido das missões atribuídas, empregando uma ampla gama de opções, em função da diversidade de cenários possíveis, buscando uma posição vantajosa em relação à ameaça que o oponente representa, para derrotá-lo e impor a vontade da força (BRASIL, 2015, p. 9).

#### **2.3.2.1 Combate Individual (CO 04):**

“Ser capaz de permitir ao combatente terrestre sobrepujar o oponente, sobreviver, deslocar-se e combater em todos os ambientes operacionais e sob quaisquer condições climáticas” (BRASIL, 2015, p. 9).

#### **2.3.2.2 Ação Terrestre (CO 06):**

“Ser capaz de executar atividades e tarefas com o objetivo de dissuadir, prevenir ou enfrentar uma ameaça potencial ou real, impondo a vontade da força” (BRASIL, 2015, p. 10).

#### **2.3.2.3 Apoio de Fogo (CO 08):**

“Ser capaz de apoiar as operações das forças amigas com fogos potentes, profundos e precisos, buscando a destruição, neutralização ou supressão de objetivos e das forças inimigas” (BRASIL, 2015, p. 10).

### **2.3.3 Comando e Controle (CMT 04):**

Ser capaz de proporcionar ao Comandante, em todos os níveis de decisão, o exercício do Comando e do Controle por meio da avaliação da situação e da tomada de decisões baseada em um processo eficaz de planejamento, de preparação, de execução e de avaliação das operações. Para isso, são necessários, nos níveis estratégico, operacional e tático, sistemas de informação e comunicações integrados que permitam obter e manter a superioridade de informações com relação a eventuais oponentes (BRASIL, 2015, p. 12).



#### 2.3.3.1 Planejamento e Condução (CO 14):

Ser capaz de realizar planejamento, preparação, execução e avaliação contínua de Operações no Amplo Espectro dos Conflitos, empregando meios e armamentos modernos, baseados em Tecnologias de Informações e Comunicações, com adequada proteção (BRASIL, 2015, p. 12).

#### 2.3.3.2 Sistemas de Comunicações (CO 15):

Ser capaz de estabelecer e operar estruturas de comunicações para suportar toda necessidade de transmissão para a condução dos processos de apoio à decisão, as informações para a consciência situacional do comandante nos diversos níveis e as ações para a busca da superioridade de informações (BRASIL, 2015, p. 13).

#### 2.3.3.3 Consciência Situacional (CO 16):

Ser capaz de proporcionar em todos os níveis de decisão, em tempo real, a compreensão, a interação do ambiente operacional e a percepção sobre a situação das tropas amigas e dos oponentes. É propiciada pela integração dos conhecimentos provenientes dos sistemas de informação, sistemas de armas e satélites, apoiados em infraestrutura de comunicações com o nível adequado de proteção (BRASIL, 2015, p. 13).

#### 2.3.3.4 Digitalização do Espaço de Batalha (CO 18):

Ser capaz de apresentar a representação digital de aspectos do espaço de batalha obtida pela integração entre sensores, vetores e radares, apoiada em uma infraestrutura de informação e comunicações (IIC), permitindo disponibilizar informações aos diferentes níveis de decisão, independente do lugar em que se encontram, com nível de proteção adequada (BRASIL, 2015, p. 14).

#### 2.3.4 Proteção (CMT 07):

“Ser capaz de proteger o pessoal (combatente ou não), o material, as estruturas físicas e as informações contra os efeitos das ações próprias, inimigas e naturais. São ações que preservam o poder do combate” (BRASIL, 2015, p. 16).

##### 2.3.4.1 Proteção ao Pessoal (CO 28):

“Ser capaz de proteger o pessoal (militar e civil) contra os efeitos das ações próprias, inimigas e naturais” (BRASIL, 2015, p. 16).

#### 2.3.4.2 Proteção Física (CO 29):

“Ser capaz de proteger o material, as instalações e o território de qualquer ameaça à sua integridade em áreas definidas” (BRASIL, 2015, p. 17).

#### 2.3.4.3 Segurança das informações e Comunicações (CO 30):

Ser capaz de fornecer proteção adequada, mantendo a integridade e a disponibilidade dos sistemas e das informações armazenadas, processadas ou transmitidas, por meio da implementação de medidas adequadas para viabilizar e assegurar a disponibilidade, a integridade, a confidencialidade e a autenticidade de dados e informações (BRASIL, 2015, p. 17).

Diante do exposto, nota-se uma certa complexidade para aplicar de fato o PBC na prática, tendo em vista os diversos documentos que amparam e ainda ser um método recente, porém muito promissor na sua finalidade. Implantar novas capacidades para uma tropa, aliando a atualização doutrinária e principalmente à escassez de recursos orçamentários é extremamente importante para a evolução do Exército Brasileiro.

“Aplicando” o PBC para o Pel Seg, entendemos que existe, além da lacuna de atualização doutrinária e temporal, uma oportunidade de nos ampararmos nos documentos aqui abordados e oferecer proposta para implantar novas capacidades operativas, tais como: tornar o Pel Seg, devido a sua importância de proteção do Posto de Comando, o mais autossuficiente possível, através da implantação do Radar Sentir M-20, dentro da CMT 04, C2 e o CO 14 Planejamento e condução. Além de aumentar suas capacidades de defesa anticarro (AT4, Carl Gustaf ou o Mss 1.2 AC), antiaérea (.50) e antipessoal (MAG ou MINIMI).

## 2.5 PROPOTA DE ATUALIZAÇÃO DOUTRINÁRIA DO PEL SEG

Vamos começar pensando em uma possível elaboração de um Quadro de Organização (QO) novo para o Pel Seg, mas o que seria QO? Nas Instruções Reguladoras do processo de concepção de quadro de organização, significa um “conjunto de documentos que uma OM deve possuir em termos de base doutrinária (ou organizacional), estrutura, pessoal e material para desempenhar suas atividades e tarefas” (Brasil, 2015b, p. 2). No Cap II, Seç I, Art 4º, 1º, II, “é constituído de um

conjunto de documentos: base doutrinária, estrutura organizacional, quadro de cargos (QC) e quadro de dotação de material (QDM)” (Brasil, 2015b, p. 4).

Percebendo como é a doutrina nos países aqui estudado, quanto a quem faz a segurança de um Posto de Comando de o que mais assemelha-se ou traz flexibilidade e mais segurança seria que o Pel Seg tivesse sua composição similar de um Pelotão de Fuzileiro quanto à composição do GC.

Levaremos em consideração quanto a defesa anti-pessoal a possibilidade de três armamentos, como a Metralhadora (Mtr) M971 MAG 7,62mm (Figura 17), a Mtr FN MINIMI 5,56mm (Figura 18) e a Mtr FN MINIMI 7,62mm (Figura 19).



FIGURA 17 – Mtr M971 MAG 7,62mm

Fonte: <https://www.warfareblog.com.br/2018/08/fn-mag-metralhadora-em-defesa-do-mundo.html>, acesso em 30 de agosto de 2022.

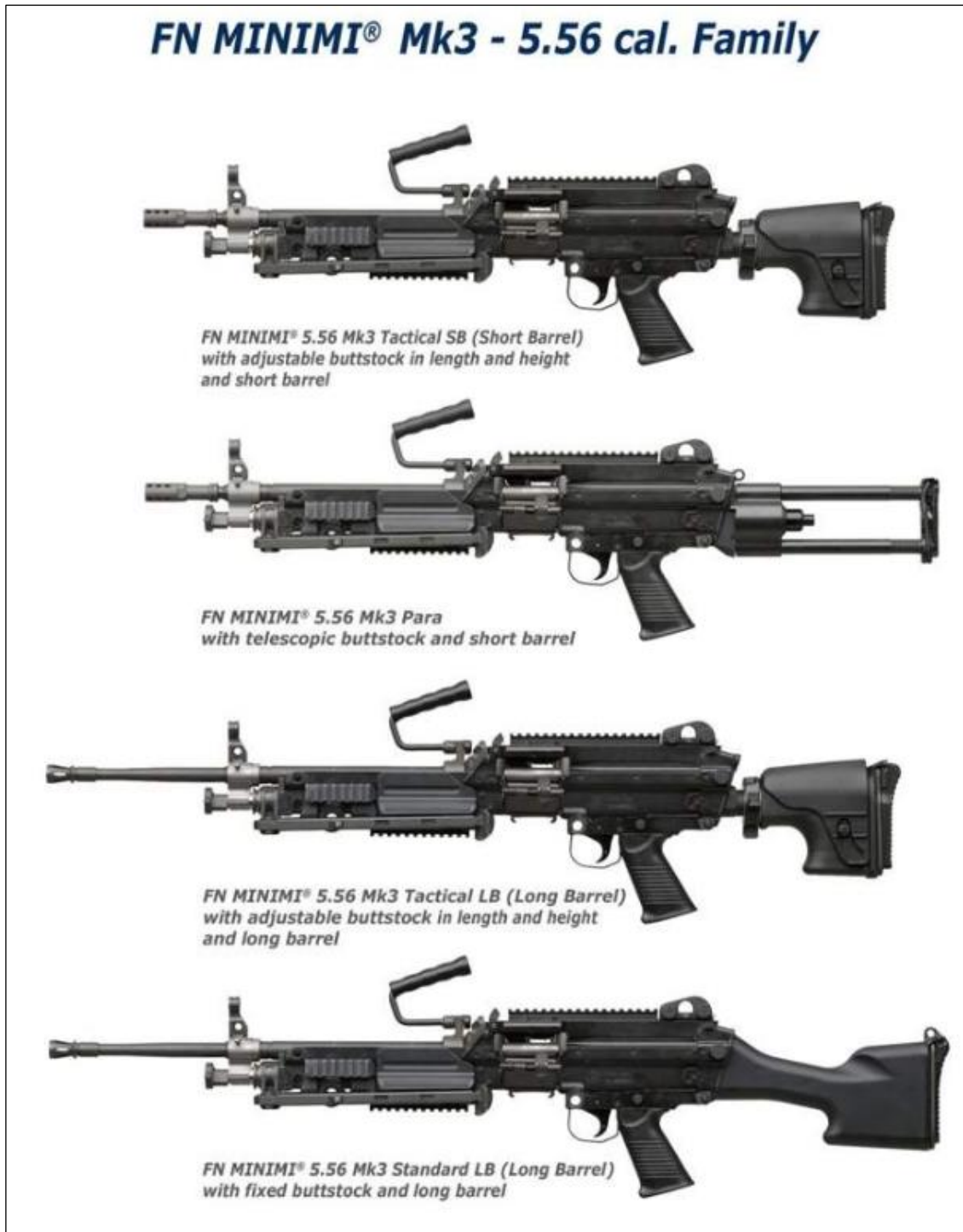


FIGURA 18 – Mtr FN MINIMI 5,56mm

Fonte: [https://pm1.narvii.com/6745/442197fd4e0da79e1ded391e992f45b32c916849v2\\_hq.jpg](https://pm1.narvii.com/6745/442197fd4e0da79e1ded391e992f45b32c916849v2_hq.jpg), acesso em 30 de agosto de 2022.



FIGURA 19 – Mtr FN MINIMI 7,62mm

Fonte: [https://topwar.ru/uploads/posts/2015-04/1429030454\\_108.jpg](https://topwar.ru/uploads/posts/2015-04/1429030454_108.jpg), acesso em 30 de agosto de 2022.

Ressalta-se que seja realizado um estudo mais aprofundado e discussões para o assunto de qual seria a melhor Mtr anti-pessoal, destacamos algumas diferenças bem visíveis, quanto a acoplagem de outros materiais no Armto e por ser mais leve, torna a MINIMI mais favorável e outra quanto ao calibre, podendo ser 7,62mm ou 5,56mm. Este trabalho irá propor a MINIMI 7,62mm por possuir um calibre mais voltado para a Guerra, ser mais moderna e mais leve.

Quanto a defesa antiaérea (podendo ser também terrestre e até naval), iremos trabalhar com a Mtr .50, conforme suas características na Figura 20:



**Metralhadora Browning .50**



**Metralhadora Browning .50 com o carregamento da munição**

<b>FICHA TÉCNICA - Metralhadora Browning .50</b>	
<b>Alcance máximo</b>	7.000 m
<b>Alcance útil</b>	1.500 m
<b>Cadência de tiro</b>	400 a 600 tiros p/min
<b>Calibre</b>	.50 (12,7 mm)
<b>Capacidade do carregador</b>	100 a 250 projéteis
<b>Carregador</b>	tipo fita de metal
<b>Comprimento do cano</b>	1,14 m
<b>Comprimento do projétil</b>	99 mm
<b>Comprimento total da metralhadora</b>	1,65 m
<b>Funcionamento</b>	semi e automático
<b>Número de raia</b>	8 raia
<b>Peso do cano</b>	11,80 kg
<b>Peso do suporte ou tripé</b>	20 kg
<b>Peso (somente da arma)</b>	38,15 kg
<b>Peso total</b>	58,15 kg
<b>Refrigeração</b>	ar
<b>Velocidade inicial</b>	916 m/seg

FIGURA 20 – Mtr .50

Fonte: <http://www.mikrus.com.br/~classe35/armas05.htm>, acesso em 30 de agosto de 2022.

Foi estudado também a evolução de um Grupo de Combate (GC) ao longo do tempo, tanto os armamentos de dotação nos anos 90 (Figura 21), quanto os atuais (Figura 22), conforme publicação em 03 de janeiro de 2022:



FIGURA 21 – Armto GC década de 90

Fonte: <https://www.forte.jor.br/2022/01/03/evolucao-dos-grupos-de-combate-do-exercito-brasileiro/>, acesso em 30 de agosto de 2022.



FIGURA 22 – Armtó GC em implantação

Fonte: <https://www.forte.jor.br/2022/01/03/evolucao-dos-grupos-de-combate-do-exercito-brasileiro/>, acesso em 30 de agosto de 2022.



Outra proposta que visualizamos é de incluir, como uma Capacidade Operativa, ao Pel Seg de uma SU C de Grandes Comandos Operativos, seria o Radar Sentir M20 (Figuras 23 e 24).

O sistema, desenvolvido com tecnologia nacional, é capaz de executar operações de vigilância, aquisição, classificação, localização, rastreamento e exibição gráfica automática de alvos em terra e água, tais como: indivíduos em solo, tropas, blindados, caminhões, helicópteros e embarcações. O equipamento permite ainda a integração com câmeras de longo alcance para inclusão da função de reconhecimento, pode ser remotamente controlado e possui interface para integração com softwares de Comando e Controle e Apoio a Decisão. Os radares SENTIR-M20 fazem parte da camada de sensoriamento do projeto SISFRON em versões fixas, móveis e transportáveis (DEFESANET, 2017).



FIGURA 23 – Radar sentir M-20

Fonte: <https://defesabrazil.com/forum/viewtopic.php?t=16472&start=255>, acesso em 30 de agosto de 2022.



FIGURA 24 – Radar SENTIR M20

Fonte: <https://www.defesanet.com.br/fronteiras/noticia/27814/Radar-SENTIR-M20---Testado-na-AMAZONLOG2017/>, acesso em 30 de agosto de 2022.

Valendo-se dos conceitos já apresentados do DOAMEPI, vamos nos ater apenas a Organização e Material. Diante desses conceitos, esta pesquisa trará uma proposta de adaptação do Quadro Organizacional (QO), relativo a pessoal, sobre composição e atribuições, e do Quadro de Distribuição de Material (QDM). Com finalidade de, além de atualizar a doutrina, aumentar as capacidades do Pelotão, detalhar mais o Manual de Campanha (MC) C 7-31, de 1981, facilitando o adestramento visando uma adequação para Subunidade de Comando de Grandes Comandos Operativos. Esta proposta estará no Anexo "A" a este documento.

### **3 METODOLOGIA**

Tendo em vista o pouco conhecimento teórico sobre o tema, iniciou-se a pesquisa através da consulta a documentos reservados que pudessem confirmar a necessidade de atualização doutrinária. A consulta resultou na confirmação de tal necessidade, a priori confirmando uma desatualização doutrinária.

#### **3.1 OBJETO FORMAL DE ESTUDO**

A forma de abordagem utilizada do problema foi a qualitativa, proporcionando maior flexibilidade no método de investigação, admitindo assim a influência de diversos fatores na análise dos dados, calcada basicamente na pesquisa bibliográfica a manuais doutrinários e técnicos, trabalhos científicos nacionais e estrangeiros. Trata-se de um estudo bibliográfico, no qual foi empregada a modalidade exploratória e seletiva do material de pesquisa, bem como sua revisão integrativa, contribuindo para o processo de síntese e análise dos resultados de vários estudos.

#### **3.2 AMOSTRA**

Com o intuito de solucionar o problema levantado, foi realizada uma pesquisa bibliográfica a manuais doutrinários e trabalhos científicos, nacionais e dos Exércitos Americano e Argentino, com a finalidade de constituir um arcabouço sólido para o presente trabalho.

#### **3.3 DELINEAMENTO DA PESQUISA**

Como método de pesquisa escolhido foi o método de procedimentos (técnicos) de modalidade comparativo e histórico.

O tipo de pesquisa escolhido foi a técnica, quanto à obtenção de dados, coleta documental e a análise de conteúdo.

### 3.3 PROCEDIMENTOS PARA REVISÃO DA LITERATURA

Como nosso objeto de estudo inicial seria uma revisão do manual de campanha de Companhia Comando de Brigada de Infantaria, e posteriormente uma proposta de adequação para Grandes Comandos Operativos, nossa pesquisa focou em uma revisão bibliográfica detalhada (tanto em manuais brasileiros quanto em doutrinas estrangeiras), realizando uma busca focada em quem faz a segurança de um PC, como faz, qual a missão, atribuição e composição de quem faz. Em seguida, fizemos a coleta dos dados, discussão e seus resultados.

Como critério de inclusão foi utilizado documentos oficiais e mais recentes do EB e publicações oficiais e reconhecidas pela instituição. Quanto aos critérios de exclusão foram descartados documentos mais antigos que já tenham sido revisados, trabalhos não aprovados e de baixa confiança.

### 3.5 INSTRUMENTOS

O instrumento utilizado foi a coleta documental, bibliográfica e amparada tanto nos documentos oficiais que servem como base quanto nos manuais de outros países (para fazer um paralelo) e na doutrina mais recente. Através desse levantamento bibliográfico, foi feito estudo e da análise das doutrinas, para que a revisão do manual proposto fosse a mais atual.

### 3.6 ANÁLISE DOS DADOS

A coleta de dados se deu através de consulta a bibliografias buscando aprofundar-se nas características e especificações e, assim, projetando suas capacidades sobre a doutrina do Pel Seg.

#### 4. ANÁLISE E RESULTADOS

Entendemos que no quesito Missão do Pel Seg, dentre as missões apresentadas, a que melhor define seria a do EB70-MC-10.367, (2021, p.2-8), Brigada de Infantaria Mecanizada, tem-se que a Companhia de Comando “tem como missão apoiar, em pessoal e material, o comando da Bda, bem como prover a segurança das instalações de comando, de seu pessoal e material”. Tomando-se como base tal manual, a missão do Pel Seg da Cia C de Grandes Comandos Operativos seria apoiar em pessoal e material, o PC do comando da DE e seu EM, bem como prover a segurança aproximada das instalações, do pessoal e do material do comando.

Quanto a pessoal, uma proposta de grande valia seria aumentar o efetivo do GC, passando para 9 homens, acrescentando mais um Cabo e passando a ter duas esquadras.

Notamos também que nossa doutrina em relação ao Exército americano e Argentino, notadamente possui diferenças. No exército Argentino, quanto a defesa antiaérea, eles possuem como sendo orgânica, uma tropa valor grupo. No Exército Americano, eles possuem uma Cia de apoio de fogo, além da HHC. Essa preocupação quanto ao apoio de fogo, tanto aéreo quanto ao anticarro nos faz estudar o assunto com mais atenção.

Percebemos a importância de uma defesa pessoal/coletiva no incremento das Mtr MINIMI como sendo orgânicas do Pel Seg.

Foi incluso como proposta inovadora o Radar SENTIR M20, trazendo novas capacidades para o Pel Seg, estando de acordo com a DMT e com o Plano Estratégico do Exército. Quanto a inclusão do radar SENTIR M20, poderia estar no Grupo de Comando do Pel Seg, juntamente com uma guarnição da Mtr .50 e da Defesa AC. Outra solução poderia ser criar um Grupo de Apoio de Fogo para incluir a DAC e uma autodefesa antiaérea.

## 5. CONCLUSÃO

Após essa revisão bibliográfica e doutrinária, buscando literaturas estrangeiras, através de comparações com outros exércitos, percebemos a desatualização doutrinária e temporal sobre o assunto do Pel Seg de uma Cia Comando e de quem vai realizar a segurança aproximada, qual efetivo, qual armamento etc. De maneira geral, quais Capacidades Militares Terrestres e Operativas essa tropa deve possuir para ser empregada, levando-se em consideração o atual contexto do amplo espectro e geopolítico instável.

Percebemos a necessidade do Pel Seg, que fará a segurança aproximada do Posto de Comando de Grande Comandos Operativos (DE e/ou C Ex), está equipada com Pessoal e Material condizente com sua missão. No Anexo A será mais detalhada essa proposta.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAS, Melhem. **Panorama geográfico do Brasil**. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2004. 456 p.

ARAÚJO, Mario L. A. **Operações no amplo espectro**: novo paradigma do espaço de batalha. Doutrina Militar Terrestre. Brasília, DF, ed. 1. p. 16-27, jan-mar 2013.

ARGENTINA, Ejército. **ROP – 00 – 03**: Conducción de La Brigada Mecanizada. 2017. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/501788642/ROP-00-03>>. Acesso em fev. 2022.

EUA. Department of the Army. FM: No. 3-96 **BRIGADE COMBATE TEAM**. Washington: DC, 2021.

EUA. Department of the Army. FM: No. 3-21.20 **INFANTRY BATTALION**. Washington: DC, 2017.

BRASIL. Exército. **C 7-10**: Companhia de Fuzileiros. 1. ed. Brasília, DF, 1973.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **C 7-20**: Batalhões de Infantaria. 3. ed. Brasília, DF, 2003a.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **C 20-1**: Glossário de Termos e Expressões para uso no Exército. 3. ed. Brasília, DF, 2003b.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **C7-30**: Manual de Campanha Brigadas de Infantaria. 1984. Disponível em: <<https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/351/1/C-7-30.pdf>>. Acesso em: jan. 2022.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **C7-31**: Companhia de Comando de Brigada de Infantaria. 1981. Disponível em: <<https://bdex.eb.mil.br/jspui/handle/123456789/352>>. Acesso em: jan. 2022.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Diretriz do comandante do Exército**. 2021-2022. Disponível em: <[https://4rm.eb.mil.br/arquivos/Links%20Uteis/2021/13.1%20DIRETRIZ%20CMT%20EB%202021-2022%20\(04%20AGO%2021\)%20-%20livreto.pdf](https://4rm.eb.mil.br/arquivos/Links%20Uteis/2021/13.1%20DIRETRIZ%20CMT%20EB%202021-2022%20(04%20AGO%2021)%20-%20livreto.pdf)>. Acesso em: jan. 2022.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **EB70-MC-10.367**: Manual de campanha Brigada de infantaria mecanizada. 2021. Disponível em: <<https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/9484/1/EB70-MC-10.367%20Brigada%20de%20Infantaria%20Mecanizada.pdf>>. Acesso em: jan. 2022.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Plano de desenvolvimento da doutrina militar terrestre**. 2019. Disponível em: <<https://bdex.eb.mil.br/jspui/handle/1/1543>>. Acesso em: jan. 2022.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Plano estratégico do Exército**. 2020-2023. Disponível em: <[http://www.ceadex.eb.mil.br/images/legislacao/XI/plano\\_estrategico\\_do\\_exercito\\_2020-2023.pdf](http://www.ceadex.eb.mil.br/images/legislacao/XI/plano_estrategico_do_exercito_2020-2023.pdf)>. Acesso em: jan. 2022.



**ANEXO A**  
**CAPÍTULO 4**  
**PELOTÃO DE SEGURANÇA**  
**ARTIGO I**  
**MISSÃO, COMPOSIÇÃO E ATRIBUIÇÕES**

**4-1. 4.1 MISSÃO**

**4.1.1** A missão do pelotão de segurança é prover a segurança aproximada do PC ~~da brigada~~ do Grande Comando Operativa, bem como do grupo de comando, quando este for constituído.

**4.2 COMPOSIÇÃO**

~~a-~~ **4.2.1** O pelotão de segurança compreende um 1º tenente comandante, um grupo de comando e três grupos de combate, ~~de acordo com a Fig 4-1.~~

~~b-~~ **4.2.2** O grupo de comando compõe-se da turma de comando, ~~da peça de autodefesa antiaérea~~ e da peça de ~~canhão 106 SR~~ de DAC.

~~(1)~~ **4.2.2.1** A turma de comando é constituída de um 2º sargento adjunto, um cabo ~~cerra-fila~~ motorista, ~~e~~ um soldado radioperador ~~e dois soldados mensageiros.~~

~~(2)~~ **4.2.2.2** A guarnição da peça de ~~canhão 106 SR~~ de DAC é composta de um cabo chefe da peça/atirador e um soldado auxiliar do atirador/municiador, ~~um soldado atirador, um soldado municiador e um soldado remuniciador.~~

**4.2.2.3** A guarnição da peça de autodefesa antiaérea é composta de um cabo chefe da peça / atirador e um soldado auxiliar do atirador/municiador.

**4.2.2.4** A guarnição da peça de RVT é composta de um cabo chefe da peça RVT, de um soldado operador do Radar SENTIR M20 e de um soldado auxiliar do operador/segurança aproximado.

~~e-~~ **4.2.2.5** Cada grupo de combate é constituído de um 3º sargento comandante, ~~um cabo auxiliar~~ dois cabos Cmt Esq, dois soldados atiradores (A1 e A2), ~~e cinco~~ quatro soldados esclarecedores (E1, E2, E3 e E4) e um cabo motorista.

## 1ª Opção de Composição:

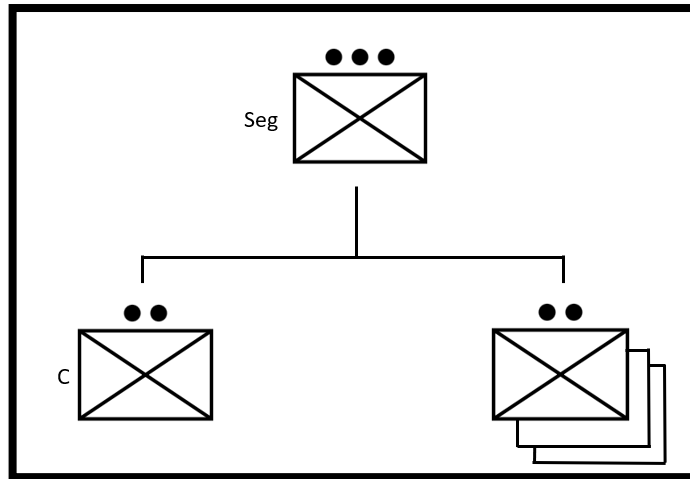


Fig 4-1. Organograma do Pel Seg de uma Su C Grandes Comandos Operativos

COMPOSIÇÃO		ARMAMENTO	
<b>Comando</b>	1º Ten Cmt Pel	Fuzil IA2 e Pistola	
<b>G Cmdo (07)</b>	Tu Cmdo	2º Sgt Adj Pel	
		Sd Rdop	Fuzil IA2
	Pç DAC	Cb Ch Pç DAC / Atdr Pç DAC	Componente Pç DAC / Pç DAC e Pistola
		Sd Aux Atdr Pç DAC / Mun Pç DAC	Fuzil IA2
	Pç DAAe	Cb Ch Pç Mtr .50 / Atdr Pç Mrt .50	Componente Mtr .50 / Mrt .50 e Pistola
		Sd Aux Atdr Pç Mtr .50 / Mun Pç Mrt .50	Fuzil IA2
	Pç RVT	Cb Ch Pç RVT	Fuzil IA2
		Sd Operador RVT SENTIR M20	Fuzil IA2
		Sd Aux Operador RVT SENTIR M20	Fuzil IA2
<b>1º GC (10)</b>	Comando	3º Sgt Cmt GC	Fuzil IA2 e Pistola
	1ª Esq	Cb Cmt Esq	Fuzil IA2
		Sd 1º Escl	Fuzil IA2 e Lança Rojão (L Roj) AT4
		Sd 2º Escl	Fuzil IA2 c/ Luneta e Lança Granada (L Gr)
		Sd Atdr	Mtr <i>MINIMI</i>
	2º Esq	Cb Cmt Esq	Fuzil IA2
		Sd 1º Escl	Fuzil IA2 e L Roj AT4
		Sd 2º Escl	Fuzil IA2 c/ Luneta e L Gr
		Sd Atdr	Mtr <i>MINIMI</i>
<b>2º GC</b>	Idêntica ao 1º GC		
<b>3º GC</b>	Idêntica ao 1º GC		
<b>Efetivo</b>	37		

Tab 1 - Composição do Pel Seg

## 2ª Opção de Composição:

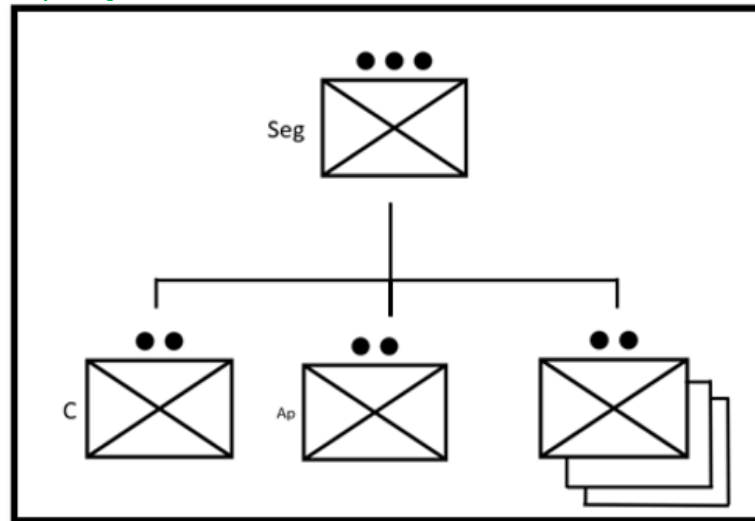


Fig 4-1. Organograma do Pel Seg de uma Su C Grandes Comandos Operativos

COMPOSIÇÃO		ARMAMENTO	
<b>Comando</b>	1º Ten Cmt Pel	Fuzil IA2 e Pistola	
<b>G Cmdo (03)</b>	2º Sgt Adj Pel	Fuzil IA2 e Pistola	
	Sd Rdop	Fuzil IA2	
	Sd Mensageiro	Fuzil IA2	
	3º Sgt Cmt G Ap	Fuzil IA2 e Pistola	
<b>G Ap (06)</b>	Sd Mensageiro	Fuzil IA2	
	Cb Ch Pç DAC / Atdr Pç DAC	Componente Pç DAC / Pç DAC e Pistola	
	Sd Aux Atdr Pç DAC / Mun Pç DAC	Fuzil IA2	
	Cb Ch Pç Mtr .50 / Atdr Pç Mrt .50	Componente Mtr .50 / Mrt .50 e Pistola	
	Sd Aux Atdr Pç Mtr .50 / Mun Pç Mrt .50	Fuzil IA2	
<b>1º GC (09)</b>	Comando	3º Sgt Cmt GC	Fuzil IA2 e Pistola
	1ª Esq	Cb Cmt Esq	Fuzil IA2
		Sd 1º Escl	Fuzil IA2 e Lança Rojão (L Roj) AT4
		Sd 2º Escl	Fuzil IA2 c/ Luneta e Lança Granada (L Gr)
		Sd Atdr	Mtr <i>MINIMI</i>
	2º Esq	Cb Cmt Esq	Fuzil IA2
		Sd 1º Escl	Fuzil IA2 e L Roj AT4
		Sd 2º Escl	Fuzil IA2 c/ Luneta e L Gr
Sd Atdr		Mtr <i>MINIMI</i>	
<b>2º GC</b>	Idêntica ao 1º GC		
<b>3º GC</b>	Idêntica ao 1º GC		
<b>Efetivo</b>	37		

Tab 1 - Composição do Pel Seg

### ~~4-3.~~ 4.3 ATRIBUIÇÕES

**a. 4.3.1** O comandante do pelotão de segurança é o principal responsável, perante o comandante da companhia, pela segurança do PC.

**b. 4.3.2** A turma de comando do grupo de comando é encarregada de auxiliar o comandante do pelotão em suas atividades de comando e controle do pelotão. O 2º sargento adjunto é o principal auxiliar do comandante do pelotão e seu substituto eventual. ~~O cabo cerra-fila é o encarregado do remuniamento do pelotão.~~ O radioperador auxilia o comandante do pelotão nas atividades de radiocomunicações. Os mensageiros desempenham suas funções para facilitar o comando e controle do pelotão. O radioperador e o mensageiro podem, também, desempenhar as funções de motoristas.

**c. 4.3.3** ~~A peça de canhão 106 SR~~ A Pç DAC é utilizada ~~ea~~ na defesa anticarro do PC e, quando necessário, do grupo de comando. O cabo chefe da peça é o responsável pelo correto e pronto emprego da peça em suas missões de defesa anticarro. O soldado atirador executa a pontaria e tiro da peça para destruir carros inimigos. O soldado municador é o responsável em carregar e descarregar o canhão a cada tiro. ~~O soldado remuniador mantém a continuidade do tiro, fornecendo, prontamente, a munição para o municador.~~

**d. 4.3.4** Os grupos de combate são os principais elementos que o comandante do pelotão dispõe para executar a defesa do PC. O 3º sargento comandante do grupo é o responsável, perante o comandante do pelotão, pelo comando, controle e pronto emprego do grupo. O cabo auxiliar da 1ª Esq é o substituto eventual do comandante do grupo. Os soldados atiradores utilizam seus fuzis metralhadoras em proveito do grupo. Os esclarecedores reconhecem, patrulham e guarnecem seus postos.